



# COLLOQUIUM

## REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 9, NÚMERO 1, CRATO – CE, SETEMBRO DE 2024 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 04/06/2024 ACEITO EM: 29/06/2024 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

### O VAZIO INFINITO E O DIVERTISSEMENT EM BLAISE PASCAL

#### The infinite void and divertissement in Blaise Pascal

Francisco Sérgio Bertoldo do Nascimento<sup>1</sup>

 DOI: <https://doi.org/10.58882/clq.v9i1.175>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4263798507450682>

**RESUMO:** O presente artigo seguirá o método de revisão bibliográfica sobre a temática filosófica pascaliana do vazio infinito e do *divertissement*, presente na *Lettre* e nos Pensamentos. Ao sentir-se abandonado por seu objeto infinito (Deus), o ser humano busca sem êxito preencher o seu vazio infinito por meio de objetos finitos, ou seja, pela busca constante do *divertissement*. O vazio infinito e o *divertissement* em Blaise Pascal, tão presentes em nossas vidas, são consequências do completo abandono de Deus, isto é, do próprio objeto infinito. Por esta razão, ao sentir-se abandonado por seu objeto infinito, o ser humano passa a buscar incansavelmente, de forma consciente ou não, satisfazer o seu vazio infinito por meio de objetos finitos. Diante desse desejo de preenchimento do seu vazio infinito, o homem lança-se no *divertissement*, conceito que, em síntese, denota as manobras que ele usa para desviar o pensamento das suas misérias existenciais e das suas múltiplas insuficiências a fim de esconder e não encarar seus constantes fracassos. Em Pensamentos, Pascal procura demonstrar que o homem, em todos os tempos, envolveu-se num emaranhado infinito de afazeres diários que o tornou distraído, desviando-o do que é realmente importante, sua quietude e seus momentos de autorreflexão. Portanto, este artigo visa contribuir para entender o pensamento de Blaise Pascal acerca do grande drama existencial do homem em sua busca constante de alívio ao fardo das misérias da sua existência e apontar caminhos de retorno ao objeto infinito, Deus, único capaz de preencher o vazio infinito.

**Palavras-chave:** vazio infinito; objeto infinito; *divertissement*; Pascal.

**ABSTRACT:** This article will follow the method of bibliographical review on the Pascalian philosophical theme of infinite emptiness and divertissement, present in *Lettre et Pensées*. When feeling abandoned by his infinite object (God), the human being unsuccessfully seeks to fill his infinite emptiness through finite objects, that is, through the constant search for divertissement. The infinite emptiness and divertissement in Blaise Pascal, so present in our lives, are consequences of the complete abandonment of God, that is, of the infinite object itself. For this reason, when feeling abandoned by his infinite object, the human being begins to tirelessly seek, consciously or not, to

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG); Pós-graduado em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira pela Universidade Candido Mendes (UCM); Pós-graduado em Neurociências, Filosofia e Linguagem pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP); Licenciado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Licenciado em Filosofia pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI); Professor EBTT do Instituto Federal do Ceará (IFCE – Campus Cedro); E-mail: sergio.bertoldo@ifce.edu.br.

satisfy his infinite emptiness through finite objects. Faced with this desire to fill his infinite emptiness, man launches himself into *divertissement*, a concept that, in short, denotes the maneuvers he uses to divert his thoughts from his existential miseries and his multiple insufficiencies in order to hide and do not face his constant failures. In *Thoughts*, Pascal seeks to demonstrate that man, at all times, has been involved in an infinite tangle of daily tasks that have distracted him, diverting him from what is truly important, his stillness and his moments of self-reflection. Therefore, this article aims to contribute to understanding Blaise Pascal's thought about the great existential drama of man in his constant search for relief from the burden of the miseries of his existence and to point out ways of returning to the infinite object, God, the only one capable of filling the infinite void.

**Keywords:** Infinite void; Infinite object; *Divertissement*; Pascal.

## INTRODUÇÃO

A temática pascaliana do vazio infinito e do *divertissement*, tão presente na vida humana, aparece nos *Pensamentos*. Pascal afirma “(...) porque esse abismo infinito não pode ser preenchido senão por um objeto infinito e imutável, isto é, por Deus mesmo” (Pascal, 2015, p. 83). Este conceito de vazio infinito aparece na *Lettre* (Pascal, 1963i, p. 275-79) de 17 de outubro de 1651 e passa a ser traduzido nos *Pensamentos* como abismo infinito. Segundo Martins (2017, p. 211), há uma ligação indiscutível entre os dois termos, pois tanto o vazio infinito quanto o abismo infinito são figuras do completo abandono de Deus, isto é, o próprio objeto infinito. Por esta razão, ao sentir-se abandonado por seu objeto infinito, o homem passa a buscar incansavelmente, de forma consciente ou não, satisfazer o seu vazio infinito por meio de objetos finitos.

Diante desse desejo de preenchimento do seu vazio infinito, o homem lança-se no *divertissement*, conceito que, em síntese, evidencia as manobras que o ser humano usa para desviar o pensamento das suas misérias existenciais e das suas múltiplas “insuficiências”<sup>2</sup> para se esconder e não encarar seus constantes fracassos. Oitica (2018, p. 9) afirma que Pascal procura demonstrar que o homem, em todos as épocas, envolveu-se num emaranhado infinito de afazeres diários que o distraiu, desviando-o do que era realmente importante e dissuadindo-o da sua quietude e de seus momentos de reflexão a sós. Pensar o vazio infinito



e a permanente busca do *divertissement* é de capital relevância para entender a atitude do homem ao lidar com seu vazio existencial por meio de objetos finitos e transitórios.

Partindo desse pressuposto procurar-se-á mostrar que ninguém está imune aos incessantes “assédios” do *divertissement*, mas, mesmo assim, é possível ao homem experienciar momentos felizes ao conviver com o constante dilema do vazio infinito em si. Outro aspecto a ser mensurado é a compreensão do drama existencial como consequência do ser humano tentar, a todo custo, aliviar o fardo das misérias da sua existência e, por fim, entender que só o retorno aos caminhos do objeto infinito, único capaz de preencher o vazio infinito do homem, poderá salvaguardá-lo da necessidade de não se entregar desesperadamente às misérias do *divertissement* como tentativas ilusórias para suavizar as dores e o vazio da vida.

A pertinência do estudo dar-se pela promoção do debate filosófico em torno de uma temática que merece toda a atenção nos dias atuais, pois a sensação de vazio infinito é inerente ao ser humano e ninguém encontra-se inatingível ao efeito anestésico da existência do *divertissement* e do vazio infinito em sua tentativa incansável de fuga e de busca constante para aplacar o fardo das misérias da existência. Por isso, acredita-se na necessidade de uma postura responsável e sensata que o homem deve adotar ao lidar com as suas misérias para não se entregar irrefletidamente na busca da felicidade que advém meramente do prazer proporcionado pelo divertimento sem ser capaz de pensar no que faz e também nas consequências que isso pode lhe suscitar para o futuro.

## 1 - CONCEITO DE VAZIO INFINITO E DIVERTISSEMENT NOS TEXTOS PASCALIANOS

Os manuscritos pascalianos que foram organizados após a sua morte receberam o nome de Pensamentos. A coletânea desses textos são constituídos



de diversos fragmentos que versam sobre os mais variados temas e não seguem uma concatenação precisa. Este trabalho orienta-se a partir de alguns fragmentos [Laf 132; Laf 133; Laf 134; Laf 136; Laf 137; Laf 138; Laf 139; Laf 148; Laf 414].<sup>2</sup> Tais fragmentos sintetizam o corpo temático e serão analisados com a finalidade de fundamentar teoricamente sobre o vazio infinito e o *divertissement*.

Para início, segue-se o fragmento Laf 132:

Divertimento.

Se o homem fosse feliz, tanto mais o seria quanto menos se divertisse, como os santos e Deus. Sim; mas não é estar feliz poder alegrar-se pelo divertimento? – Não, porque ele vem de outra parte e de fora; e assim é dependente e, por toda parte, sujeito a ser perturbado por mil acidentes que fazem as aflições inevitáveis. (Pascal, 2015, p. 75)

O fragmento acima salienta que se o homem fosse realmente feliz jamais buscaria as ilusões do *divertissement*, pois elas provêm de fora e são susceptíveis às mais diversas contingências da vida. Segundo Pondé, Pascal utiliza no fragmento acima a palavra *félicité* com uma forte conotação de felicidade como beatitude, isto é, em que o caráter espiritual da condição prazerosa é mais importante do que o corporal ou sensitivo (2014, p. 226). Esse fragmento já anuncia a insuficiência do ser humano no seu projeto de ser feliz. Nos Pensamentos, Pascal (2015, p. 83) chega a defender a tese de que em um tempo pretérito o homem gozou de uma felicidade verdadeira, da qual só lhe resta agora a marca e o vestígio do total vazio que ele tenta inutilmente preencher com tudo aquilo que o cerca. O homem pós-lapsariano<sup>3</sup> encontra-se em uma condição de mísero mortal, destituído da capacidade de ser feliz e fadado à tristeza e à morte.

<sup>2</sup> Laf refere-se à edição de Louis Lafuma de 1963. Neste trabalho será utilizado o sistema clássico de citação nos estudos pascalianos com relação aos Pensamentos, por exemplo, Laf 132; Laf 136.

<sup>3</sup> A ideia de homem pós-lapsariano refere-se à condição humana após a queda no pecado.



Para Martins (2017, p. 277), o homem sem Deus leva uma vida de vazio infinito insuportável para si, pois este ser de amor infinito não consegue se ajustar aos objetos amáveis finitos e isto faz com ele viva uma vida de fracasso, pesadelo, padecimento, inquietação, agonia, pesar, tortura, desolação, tristeza, tédio e sofrimento.

Nos textos pascalianos fica evidente a busca incansável do homem em ser feliz e para isso ele lança-se nos mais diversos divertimentos. Só que essa atitude reacende o seu vazio infinito de forma reptícia a ponto de ele desconsiderar que todo e qualquer divertimento advém de fontes externas e depende de vários fatores e perturbações inevitáveis.

### 1.1 - O VAZIO INFINITO

Vazio infinito, *divertissement*, misérias humanas, felicidade, infelicidade, finitude humana etc. são temas recorrentes quando se estuda o vazio infinito e o *divertissement* nos textos pascalianos, mas o que afinal é esse vazio infinito nos fragmentos pascalianos? É preciso considerar que Pascal afirma que há um abismo infinito que jaz no homem e que só poderá ser preenchido se o ser humano se apropriar do seu objeto infinito (Deus).

Na *Lettre* de 1651, Pascal escreve a sua irmã após a morte do pai e afirma:

Depois, chegando o pecado, o homem perdeu o primeiro de seus amores, e o amor por si mesmo ficou sozinho nesta grande alma capaz de um amor infinito, este amor-próprio se estendeu e transbordou no vazio que o amor de Deus deixou; e assim o homem se ama unicamente, e todas as coisas em relação a si, isto é, infinitamente. (Pascal, 1963, p. 277).

Ao se analisar o excerto da *Lettre* acima, pode-se chegar à seguinte conclusão: a) ao pecar o homem perdeu seu objeto infinito a quem ele dedicava todo o seu amor infinito; b) a queda do homem faz com que Deus o abandone, fazendo



o homem cair em amor-próprio; c) então o homem passa a amar infinitamente a si mesmo sem seu objeto infinito, caindo em um horizonte de vazio infinito. O vazio infinito deixado por Deus no homem faz o ser humano desviar o foco do seu próprio vazio e se lançar nas misérias do *divertissement*.

Pascal (2015, p. 83) chega ainda afirmar que só Deus é o verdadeiro bem do ser humano e desde que o homem o abandonou jamais conseguiu encontrar na natureza alguma coisa capaz de ocupar o seu lugar. Após o seu lapso em relação ao seu objeto infinito, o ser humano torna-se um ser de carência e insuficiência, pois nada consegue mais satisfazê-lo. Toda essa ideia pascaliana advém da forte influência de Santo Agostinho, pois para o Bispo de Hipona o vazio não é apenas a ausência de matéria, mas uma realidade ontológica que permeia toda a existência. Agostinho vê o vazio como uma condição fundamental da criação, algo que precede e dá origem a todo o ser.

Essa visão do vazio como algo essencial, e não apenas como uma ausência, é uma das contribuições mais importantes de Agostinho para a filosofia e teologia. Ele argumenta que o vazio é a própria matéria-prima da existência, o espaço em que Deus cria e manifesta sua presença. Explorar essa noção de vazio é crucial para compreender a totalidade da obra agostiniana e sua influência duradoura no pensamento ocidental.

Agostinho entendia que a natureza humana é marcada por uma insatisfação inerente, um desejo que nunca se aquieta completamente. Por mais que o homem tente se saciar com os prazeres e bens deste mundo, o *divertissement* pascaliano, ele sempre se sente incompleto, algo falta. É nessa lacuna, nesse vazio que só Deus pode preencher o ser humano para que este encontre a plenitude tão almejada.



Essa busca pela completude é, portanto, um eixo central no pensamento agostiniano. Ela reflete a natureza humana e sua condição de criatura que aspira a transcendência, a comunhão com o Criador. Somente quando o homem encontra seu repouso em Deus, quando se entrega à graça divina, é que pode experimentar a verdadeira plenitude e a paz interior que tanto deseja.

Na visão de Santo Agostinho, a fé desempenha um papel fundamental na compreensão do vazio existencial que permeia a condição humana. Segundo ele, o ser humano, consciente de sua finitude e limitação, busca preencher esse vazio com a crença em um Deus transcendente, cuja infinitude e perfeição oferecem a promessa de plenitude e redenção.

O conceito do vazio infinito em Santo Agostinho possui profundas implicações éticas e existenciais para a compreensão da condição humana. Ao reconhecer a finitude do ser e a constante busca por plenitude, o filósofo nos convida a refletir sobre o papel da fé e da transcendência na superação dessa lacuna fundamental. A inquietude da alma, causada pela percepção desse vazio inerente, torna-se o motor que impulsiona o indivíduo a buscar respostas para suas angústias existenciais.

Nesse sentido, a ética agostiniana se fundamenta na relação dialética entre Deus e o homem, onde a fé surge como a chave para acessar a verdadeira realidade, para além do mundo fenomênico. O desejo de transcendência torna-se, assim, um imperativo moral, pois é apenas por meio dessa conexão com o divino que o ser humano pode encontrar a plenitude e a paz que tanto anseia. Esse processo, no entanto, é marcado por uma permanente tensão entre a finitude do indivíduo e a infinitude do Criador, exigindo constante esforço e humildade na jornada rumo à salvação.



Pondé (2014, p. 76, 78) afirma que ao tomar para si a visão agostiniana da queda, Pascal condena necessariamente qualquer ideia de suficiência humana por ser uma repetição da queda adâmica, pois a natureza caída e o estado de carência humano apontam para uma interessante forma de o homem viver seu componente sobrenatural, que é a de um drama psicológico. A entrada em cena desse componente implica um estado constante de tensão e desconforto ao nível dos afetos do homem em relação à sua existência mundana.

Para Pascal o homem não é capaz de alterar a qualidade de seu estado de insuficiência, porque vive em concupiscência. Daí a necessidade de *divertissement*, como ideia de movimento, só que um movimento estéril e repetitivo. Um dinamismo que só produz ruídos. Deste modo, Pascal reconhece o movimento humano como uma tentativa de aplacar seu vazio infinito, mas não o percebe como algo que possa alterar a qualitativamente a condição de miséria e angústia em que o homem está mergulhado.

Sendo assim, o homem passa a viver sem seu objeto infinito e enfrenta as aflições do vazio infinito em si, levando uma vida de inconstância em que nada será suficiente para preenchê-lo. Desta condição miserável o homem mendigará as mais diversas atividades da vida como forma de acalantar o seu vazio, mas perceberá que nada o sacia. A fatalidade humana será cair em um profundo abismo de ansiedade, de tristeza e de solidão, que culminará em tédio. Este tédio levará o ser humano a mergulhar em outras misérias do *divertissement*, sempre e mais, inquietando-o pela constante busca de uma satisfação plena que jamais será alcançada. Isto reflete a “marca do nada” que o homem traz dentro de si e que se revela no traço do vazio tão insuportável ao homem. E por trazer esse vazio profundo dentro de si, o homem passa a criar “eus imaginários” para preenchê-lo, pois o que ele mais quer é ser estimado e admirado para que assim possa se livrar da visão de um eu insuficiente e vazio. Esse eu o engana diante do seu



vazio e produz, ao mesmo tempo, tédio e inquietude. A vida torna-se insuportável para o homem quando se encontra em um estado de repouso, pois nesta condição ele sente seu nada, sua finitude, sua incapacidade, sua alienação, sua insuficiência, sua dependência, sua impotência e seu completo vazio. Esta sensação de vazio enche a alma de tédio e leva o homem a viver insatisfeito, enjoado, atormentado, inquieto e angustiado.

A inquietação é sintoma revelador de um vazio existencial. Este vazio existente no coração do homem denota uma ausência de sentido. Uma experiência que brota da insatisfação diante da própria vida. Um vazio que é percebido a todo momento, ainda que de forma inconsciente, nas atitudes do homem.

O vazio existencial que envolve o homem nada mais revela do que a busca desesperada de fugir das futilidades dos fins que o persegue para sanar a sua inquietude. Esses fins empreendidos pelo homem denuncia o grande baile de simulacros para esconder as suas misérias e não dar conta da razão da sua tristeza. Este enjoo, no entanto, possui uma causa muito real, a saber, “consiste na infelicidade natural de nossa condição frágil e mortal, e tão miserável que nada pode consolar quando a consideramos de perto” (Pascal, 2014, p.76 ). Esse enjoo é inerente a todo homem que vive e constrói a sua própria história, pois somos seres limitados pelo tempo e pelo espaço e percebemos a todo instante a nossa finitude e incapacidade. Daí o sentir-se pequeno, frágil e impotente diante da morte. E esta é a causa do contínuo vazio e agitar-se do homem.

O homem é um ser de crise, de altos e baixos e sempre em busca de sentido para tudo aquilo que faz. A centelha divina soprada no homem faz com ele sempre almeje o sonho de eternidade, inquietando-o com o pensamento de finitude e morte que o atormenta. O vazio que irrompe dentro do homem faz com que ele reflita sobre o seu completo abandono como ser insuficiente na sua relação de cisão e de abandono com o seu objeto infinito.



Mas, diante de tudo isso, o que o homem mais anseia é a verdadeira felicidade, desejo constante de todo ser humano. E não há nenhum problema na busca da felicidade, por isso Pascal chega a dizer que até mesmo o suicida deseja a felicidade mesmo que seja pela própria morte. O que o homem mais quer é sanar a sua dor, preencher o seu vazio, ser feliz não importando qual preço precise pagar, desde que todo seu esforço seja recompensado por momentos de alívio para não pensar em si e em suas misérias.

Sabe-se que quem sente que sua vida não tem sentido, não apenas é infeliz senão também pouco capaz de viver. Por isso, para a antropologia pascaliana, o ser humano precisa se integrar novamente à felicidade perdida – seu objeto infinito. Para isso o homem deve reencontrar o sentido para sua existência, caso contrário, ele será invadido por um sentimento de vazio, de absurdo ou de falta de sentido cada vez mais difuso.

O vazio que solapa o ser humano é marca de sua insuficiência, uma mecânica que gera o próprio esvaziamento espiritual, angústia e apatia. A sensação de vazio sempre estará presente na vida do ser humano, porque ele é um ser de desejos insaciáveis. Está sempre se esvaziando na posse dos desejos alcançados em uma dinâmica de movimento incansável.

## 1.2 - O DIVERTISSEMENT (DIVERTIMENTO)

De modo genérico, o termo *divertissement* (divertimento), remete à ideia de diversão, entretenimento, relacionado a qualquer atividade prazerosa que vise à busca pela felicidade. Mas para Pascal o *divertissement* é tudo o que faz com que o homem evite pensar em si mesmo, ou seja, na sua condição miserável de completo abandono do seu objeto infinito. O divertimento pascaliano evoca toda e qualquer ocupação, pouco importando qual seja ela, desde que roube o tempo do ser humano e faça com que ele não pense em si e nas suas misérias.



Nos textos pascalianos, o *divertissement* aponta para tudo aquilo que distrai e aliena o homem de si mesmo e o distancia do seu bem maior – Deus. Nesse afã o homem lança-se na mais frenética busca do divertimento para desviar sua atenção daquilo que é essencial e não passar a pensar na sua finitude e insuficiência<sup>4</sup>, o que, na verdade, é demasiado insuportável e triste.

Pondé (2014, p. 235, 236) ao comentar a visão pascaliana referente ao *divertissement* afirma que o divertimento é a tentativa do homem se ocupar com coisas sem valor real. É a miséria em movimento. Na prática, ainda segundo o comentarista, o divertimento em Pascal é uma economia espiritual que visa afastar o homem da sua própria consciência existencial. O *divertissement* é a constatação da condição do homem frente a um sistema de alienação contra a percepção profunda da insuficiência como miséria. Ao perceber-se insuficiente, o homem sente a vida um fardo insuportável e a partir dessa constatação percebe a sua real necessidade de alienação em relação a si mesmo. A dinâmica do homem envolvido nas misérias do *divertissement* faz com que ele se envolva em uma dinâmica estéril e repetitiva que o faz produzir apenas ruídos incapazes de mudar a sua condição humana.

Pondé ainda afirma:

Pascal perceberá que a vivência da insuficiência na miséria é para o homem algo de absolutamente insuportável. A constatação pascaliana da necessidade vital da alienação em relação a si mesmo representa um dos momentos mais radicais de sua visão do homem e da inviabilidade deste como um sistema ordenado de faculdades, afetos, desejos e funções. (2014, p. 236).

---

<sup>4</sup> Segundo Pondé (2021, p. 16, 17), nos textos pascalianos o termo “insuficiência” refere-se ao homem na sua condição humana após a queda adâmica, ou seja, um homem que depende, em qualquer situação, do auxílio exterior de Deus. O homem é de algum modo “invadido” – ou preenchido – pela necessidade, presença e substância de Deus. E mais, o homem necessita de Deus para qualquer que seja o seu destino. Não há qualquer possibilidade de existência apartada de uma estreita relação com o Sobrenatural. Essa é a insuficiência geral no homem: a natureza pura não é seu lar.



O termo *divertissement* ficou cunhado pelos intérpretes pascalianos como a tentativa de distração ou fuga de si mesmo, mesmo que inconsciente, através dos mais diversos afazeres da vida, desde as mais simples ações do cotidiano às mais complexas atividades humanas. Por esta razão, Pascal em Laf 414 (2015, p. 157) reitera várias vezes que a diversão é a maior de todas as nossas misérias, mas sem ela, nosso mal necessário, nenhum ser humano conseguiria encontrar momentos de felicidade. Sem a diversão seríamos seres entediados, muito embora ela nos conduza à morte sem pensarmos nela. Vale salientar que não é o lazer ou a distração em si mesma que ocupa o pensamento pascaliano, mas as mais variadas ações humanas, agradáveis ou não, que de alguma forma transporte o sujeito para outra coisa que não seja refletir sobre si mesmo. Pondé (2021, p. 63) afirma que tudo na vida é *divertissement*. Leis, cultura, tudo o que possamos imaginar. O divertimento está presente em tudo o que se venha a fazer na vida, ou seja, escrever um trabalho de conclusão de curso, sair para passear, beber, jogar etc. O *divertissement* é inevitável e universal, pois abrange todas as áreas da vida. É uma miragem que nos convida a seguir em frente, que nos alucina e nos aliena de nós mesmos. É o desespero da fuga. É também um sofrimento: o desejo como calvário. É a variação infinita em uma cadeia de objetos que, no limite, alimenta-se da frivolidade humana, banalizando o desejo, conceito que por si mesmo traz a ideia de efemeridade e transitoriedade.

No drama da inevitabilidade do *divertissement*, Pondé (2014, p. 239) ainda alude ao fato de vivermos em um mundo marcado pelo lazer em escala industrial, no qual se busca no vazio da imanência de um homem banal uma variação infinita que visa sofisticar a deriva na cadeia de alienação (*divertissement*) pela via da superabundância (industrial) dos objetos que divertem. Desta forma, o fenômeno do *divertissement* envolve o homem de tal forma que ele não consegue constatar que está completamente envolvido nele.



Pascal em Laf 136 faz algumas declarações que merecem ser consideradas:

Divertimento.

Quando às vezes me pus a considerar as diversas agitações dos homens, e os perigos, e as penas a que se expõem na Corte, na guerra de onde nascem tantas desavenças, paixões, ações ousadas e muitas vezes maldosas etc., repeti com frequência que toda a infelicidade dos homens provém de uma só coisa: de não saber ficar quieto num quarto. Um homem que possui bens suficientes para viver, se soubesse ficar em casa com prazer, não sairia para ir pelo mar ou ao banco de uma praça; não se pagaria tão caro por uma patente no exército a não ser que se achasse insuportável não sair da cidade, e não se buscam as conversações e os divertimentos dos jogos a não ser que não se tenha prazer em ficar em casa. Etc.

Mas, quando considerei de mais perto e, depois de ter encontrado a causa de todos os nossos infortúnios, quis descobrir-lhes as razões, encontrei que existe uma realmente efetiva que consiste na infelicidade natural de nossa condição fraca e mortal, e tão miserável que nada nos pode consolar quando a consideramos de perto [...] (2015, p. 76).

Este é um dos fragmentos mais longos sobre o *divertissement* e nele Pascal faz uma série de comentários relevantes. O nosso autor afirma que as diversas agitações humanas só geram dissabores, desavenças, paixões, ações maldosas etc. Também diz que a infelicidade do homem provém de não saber ficar quieto em seu quarto. Condição essa imprescindível para se alcançar a felicidade, pois permitiria ao homem ponderar com mais calma. Mas, lamentavelmente, o homem não é afeito ao repouso (descanso/reflexão) por ser insaciável e de constantes buscas e desejos. Ele está mais para a agitação do que para o repouso. Para Pascal, tomar o repouso como realmente aquilo que gera felicidade é desconhecer a natureza humana, pois o homem é incapaz de repousar. Ele está sempre em uma busca constante de inquietações que escondem o fundo negro do real. Na realidade, o homem está sempre em busca de tumulto, pois isso revela a desordem que ele é. O pavor da angústia é maior do que o desejo de felicidade. A dinâmica do mundo em que vivemos é de fuga do desespero, pois um mundo do repouso é um mundo de angústia e tédio, inviável empiricamente. No fragmento,



Pascal ainda aponta para a causa dos infortúnios dos homens que consiste na sua condição infeliz de ser fraco e mortal. Chega a citar a realeza como a mesma bela posição do mundo, mas, ao mesmo tempo, a mais miserável, pois precisa constantemente estar em divertimento para não refletir sobre aquilo que é e venha a se sentir infeliz. Mais à frente, no Laf 137, Pascal (2015, p. 78) pergunta por que não é bom deixar o rei a sós para em seguida responder dizendo que é para o rei não pensar em si mesmo e perceber as suas reais misérias. Lamentavelmente o homem deveria ter consciência da verdadeira razão de sua busca de *divertissement*, isto é, saber que ela é uma chave para a compreensão de sua vida espiritual profunda na miséria, mas ele prefere antes alienar-se.

Ainda no Laf 136, segundo Pascal, o homem é um ser de insuficiência e cheio de contradições, pois chega a ser tão infeliz que mesmo na ausência do tédio sente-se entediado e, ao mesmo tempo, é tão leviano que qualquer distração tira-o das mil causas essenciais do seu tédio. O fragmento [Laf 136] demonstra que o objetivo de todas as distrações a que o homem se submete diante dos seus pares é para gabar-se e ser elogiado como douto, criando para si uma cilada de suposta felicidade para distraí-lo de suas misérias e não pensar em si. Ao buscar tal estima, o homem sinaliza sua situação evidente de angústia por falta do objeto buscado. É uma espécie de insuficiência psicológica, por uma falta não preenchida. Mas o filósofo não se coloca contra o divertimento e muito menos propõe o fim da diversão, pois chega a afirmar que o divertimento produz alegria e espanta a tristeza. O que o pensador deixa claro é a censura de combate à ilusão de que o *divertissement* é capaz de proporcionar a felicidade verdadeira, pois a diversão, fato incontestável, jamais o poderá fazer.



### 1.3 - O FRACASSO DE SI COMO CONSEQUÊNCIA DO VAZIO INFINITO

Em suma, na visão pascaliana, o fracasso humano reside no fato de o homem viver em um tormento obsessivo na tentativa de preencher o seu vazio infinito como consequência da sua condição de caído e de alienado do seu objeto infinito. Tudo que jaz agora no coração do homem é um vazio infinito, fruto da precariedade do abandono de Deus. Ao homem cabe-lhe o tédio na sua condição finita e insignificante. Martins (2017, p. 277) afirma que o homem é movido para as mais diversas formas de *divertissement* quando sente em seu âmago a ausência do objeto infinito capaz de lhe conferir resiliência para suportar as agruras da vida. O intérprete pascaliano ainda afirma que o homem torna-se insuportável para si mesmo sem Deus, a ponto de não conseguir se ajustar aos objetos amáveis disponíveis. Para Pascal, o homem só conseguirá considerar a si mesmo e perceber o seu vazio infinito por meio do Cristo Mediador, o único capaz de reestabelecer o seu estado pré-lapsariano.

O fracasso de si como consequência do vazio é gerado pela distância infinita entre Deus e o ser humano, ou seja, há um vazio infinito dentro do homem que só Deus, objeto infinito, poderá preenchê-lo. O homem vive em um drama existencial de padecimento e falta incontornável. Na *Lettre*, Pascal diz que só o Cristo Mediador será capaz de preencher o vazio infinito do homem, pois somente o Cristo tem essa prerrogativa de, como objeto infinito, reestabelecer o elo perdido entre Deus e o homem. Para Pascal, ou o homem volta-se para o seu objeto infinito ou estará fadado a viver na completa miséria e fracasso de si mesmo. Só os que reconhecem o Cristo são capazes de descobrir a própria miséria sem cair em desespero, pois há a esperança de um Mediador/Redentor.



Caso o homem não se volte para seu objeto infinito estará condenado a recorrer sempre e necessariamente às misérias do *divertissement*. Por isso, Pascal afirma:

Miséria.

A única coisa que nos consola de nossas misérias é a diversão. E no entanto é a maior de nossas misérias. Porque é ela que nos impede principalmente de pensar em nós e que nos põe a perder insensivelmente. Sem ela ficaríamos entediados, e esse tédio nos levaria a buscar um meio mais sólido de sair dele, mas a diversão nos entretém e nos faz chegar incansavelmente à morte. (Pascal, 2015, p. 157).

Para Pascal, não ser capaz de tomar consciência da miséria é indício evidente de nossa miséria. Mas não parece certo explicitar a hipótese a partir do fragmento pascaliano que Pascal seja contrário ao divertimento. Pelo contrário, ele afirma que deve-se buscar algo “mais sólido”.

Sem a diversão o homem é um ser entediado e conduzido à própria morte sem nunca ter pensado nela. Oitica (2025, p. 87) descreve que o mecanismo do *divertissement* impede o homem de sondar-se, de constatar a sua insuficiência e, conseqüentemente, de buscar um meio eficaz para sair de tal condição. A autora ainda diz que o *divertissement* impede qualquer possibilidade do homem pensar em si mesmo, colocando-o numa condição de alienação e de fracasso diante da consciência de si mesmo. É necessário encontrar-se consigo mesmo, mas é justamente isso o que o divertimento não proporciona ao ser humano. Por isso o homem passa a viver uma vida estranha a si mesmo, evitando o autoconhecimento, os conflitos interiores e a resposta a grande pergunta: *quem sou eu?* Divertimento sem autoconhecimento é alienação e esquecimento de si. Não pensar em si equivale a renunciar à própria identidade e refugiar-se nas falácias do *divertissement*.



#### 1.4 - O OBJETO INFINITO COMO ÚNICA SAÍDA PARA O VAZIO INFINITO

Considerando todo o contexto dos seus escritos em torno do *divertissement*, Pascal em Laf 148 analisa:

Que o homem sem a fé não pode conhecer o verdadeiro bem, nem a justiça. Todos os homens procuram ser felizes. Isso não tem exceção, por mais diferentes que sejam os meios empregados. Todos tendem para esse fim. O que faz com que uns vão para a guerra e que outros não vão é esse mesmo desejo que está em ambos acompanhado de diferentes visões. A vontade nunca faz o menor movimento que não seja em direção desse objetivo. É o motivo de todas as ações de todos os homens, até daqueles que vão se enforcar.[...]

Uma prova tão longa, tão contínua e tão uniforme deveria por certo nos convencer de nossa impotência para chegar ao bem por nossos próprios esforços. Mas o exemplo pouco nos instrui. Ele nunca é tão perfeitamente semelhante que não haja alguma delicada diferença e é por isso que nós esperamos que nossa expectativa não seja frustrada nesta ocasião como na outra, e assim, como o presente nunca nos satisfaz, a experiência nos engana e, de desgraça em desgraça, levamos até a morte, que é seu arremate eterno.

Que nos brada pois essa avidez e essa impotência senão que houve outrora no homem uma felicidade verdadeira, da qual só lhe resta agora a marca e o vestígio totalmente vazio que ele inutilmente tenta preencher com tudo aquilo que o cerca, procurando nas coisas ausentes o socorro que não encontra nas presentes, mas que são todas incapazes de fazê-lo porque esse abismo infinito não pode ser preenchido senão por um objeto infinito e imutável, isto é, por Deus mesmo?

Só ele é o seu verdadeiro bem. E desde que o abandonou, é uma coisa estranha que nada exista na natureza que seja capaz de ocupar o seu lugar [...] (2015, p. 82-83).

Para Pascal não há saída para o homem a não ser reconhecer-se impotente para se chegar ao verdadeiro bem por seus próprios esforços. O argumento pascaliano é de que Deus só considera o homem pelo Mediador Jesus Cristo, não devendo o homem olhar para si mesmo ou qual quer outro ser humano. Pascal exclui qualquer ideia de o homem considerar a si mesmo e aos outros sem a justa mediação do Cristo, pois Deus só há de considerar os homens por meio de Jesus Cristo, ou seja, olhar para si ou para outros sem o Cristo é romper



qualquer possibilidade de mediação. Sem tal mediação o homem está sujeito a viver condenado e perecer na infelicidade de uma vida mortal, pois Cristo é pedra angular que preenche o vazio infinito do homem sem Deus.

Deus é o verdadeiro bem e nada poderá ocupar o seu lugar. O homem perdeu a sua verdadeira felicidade, restando-lhe apenas este vazio infinito. Neste fragmento, Pascal aponta quatro conclusões diante das expectativas criadas pelo próprio homem na busca do verdadeiro bem: 1) o presente nunca satisfaz; 2) a experiência nos engana; 3) vivemos de desgraça em desgraça; 4) a morte é o nosso desfecho eterno.

O homem sem Deus tenta encontrar saída para os seus problemas por meio do *divertissement*, contudo ele precisa fazer o enfrentamento dessa atitude evasiva posicionando-se. Ou trilha a senda do autoengano, muitas vezes vista como eficaz, mas que se revela contrária quando vivenciada, ou deposita toda a sua esperança no Cristo Mediador — objeto infinito e elo entre Deus e a humanidade — ainda que o fruto de tal experiência se dê no futuro, a partir de uma perspectiva religiosa.

Pascal demonstra que o homem só conseguirá sair da opressão do *divertissement* se buscar o seu objeto infinito e não se furtar de pensar em si e nas contradições da sua existência. Para o pensador, Deus é a essência do homem e este só poderá conhecer-se plenamente por meio do Cristo Mediador. O filósofo aponta Deus, somente Deus, como descanso, lenitivo e salvaguarda para o vazio existencial humano.

A queda adâmica gerou uma distância infinita entre Deus e os homens a tal ponto de provocar um vazio infinito do tamanho do próprio Deus. As tentativas do homem em se envolver nas misérias do *divertissement* se mostram incapazes de preencher o vazio infinito que se instalou no âmago do ser humano, pois os



subterfúgios do *divertissement* são finitos e não atendem ao vazio infinito que lhe habita. As evasivas em que o homem mergulha para resolver este vazio infinito são desproporcionais quando comparadas à grandeza do objeto infinito, único suficiente para preencher esse vazio infinito do homem.

Só e somente só o Cristo Mediador poderá resolver esse vazio infinito do homem sem Deus. Ele é o único ser capaz de restabelecer a ligação rompida entre Deus e o homem. Ao consideramos a existência desse vazio infinito que rompeu a relação homem-Deus, percebe-se de imediato a impossibilidade de qualquer objeto humano possuir as prerrogativas necessárias e equivalentes para ser aceito por Deus como suficiente e perfeito mecanismo de ligação entre Ele e o ser humano, pois só o Cristo Mediador atende, segundo Pascal, os atributos confiáveis e necessários exigidos pelo Deus Criador.

Mas não se deve pensar que Pascal se remete tão somente ao campo espiritual, pois o que o pensador busca é provocar a reflexão no ser humano para que este pense em si mesmo e não caia na tola ilusão de acreditar que os divertimentos da vida são necessários para escapar do seu vazio infinito. Não há nenhum problema em se buscar os divertimentos da vida, o que não se pode é acreditar que assim fazendo o homem encontrará a salvação dos seus problemas essenciais e a fonte da verdadeira felicidade. As contingências da vida estão postas a todo instante e cabe ao ser humano perceber que são efêmeras e filhas do *divertissement*.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo do vazio infinito e do *divertissement* em Pascal aborda a análise do ser humano a partir de uma visão antropológica com um viés teológico e, nesse sentido, visa explorar a natureza humana em sua complexidade. Tratar da antropologia pascaliana é ver o homem ligado ao drama sobrenatural da perda



do seu objeto infinito e envolto em um completo abismo infinito. Pascal descreve a situação do homem que se sente abandonado por seu objeto infinito e que passa a tentar satisfazer o seu vazio infinito pela distração de pretextos que o leva cada vez mais a um processo de angústia existencial.

O homem na tentativa de desviar o seu olhar do vazio que há em seu ser mergulha nas misérias do *divertissement* na ânsia de ser feliz. Não há nenhum erro em procurar o *divertissement*, porém o risco está em esquecer-se de si, tentar evitar as adversidades da vida e negar a nossa humanidade, pois não há vida sem agruras, sofrimento e angústia. A sutileza do *divertissement* está em fazer o homem acreditar que ele é o remédio para a miséria existencial e moral. Por isso, Pascal em Laf 136 revela para o seu leitor “os engodos” atinentes ao *divertissement*:

Tal homem passa a vida sem tédio jogando todos os dias coisa de pouca monta. Dai-lhe todas as manhãs o dinheiro que ele pode ganhar a cada dia, sob a condição de ele não jogar, ireis torná-lo infeliz. Dir-se-á talvez que o que ele busca é a brincadeira do jogo e não o ganho. Fazei então com que não jogue a dinheiro: ele não se animará e se aborrecerá. Não é então só a diversão que ele busca. Uma diversão desanimada e sem paixão o entediara. Ele precisa se animar e criar um engodo para si mesmo imaginando que seria feliz ganhando aquilo que não quereria que lhe fosse dado sob a condição de não jogar, a fim de que forme para si um motivo de paixão e que excite com isso o seu desejo, a sua cólera, o temor por esse objeto que formou para si como as crianças se apavoram vendo a cara que lambuzaram de tinta.

De onde vem que esse homem que perdeu há poucos meses o filho único e que, cheio de processos e de pendengas, estava tão perturbado esta manhã, já não pensa mais em nada disso agora? Não vos espanteis, ele está ocupadíssimo a olhar por onde passará esse javali que os cães estão perseguindo com tanto ardor há seis horas. Não é preciso mais do que isso. O homem, por mais cheio de tristeza que esteja, se se puder convencê-lo a entrar em alguma diversão, ei-lo feliz durante esse tempo; e o homem, por mais feliz que seja, se não for divertido e ocupado com alguma paixão ou distração que impeça o tédio de se expandir, logo estará acabrunhado e infeliz. (2015, p. 78-79)

Nesta passagem do fragmento Laf 136, Pascal, de uma forma muito sutil, mostra que a vida do ser humano está envolvida em coisas triviais e rotineiras,



criando, assim, uma cilada para si mesmo. O filósofo cita o exemplo do pai que perdeu o filho, mas, diante da mínima distração, foi capaz de esquecer todas as suas misérias. Tal exemplo evidencia a verdade de que o homem é tão vulnerável às distrações da vida que o menor susto ou movimento é capaz de tirar-lhe qualquer reflexão ou até mesmo fazer-lhe esquecer dos momentos mais difíceis que esteja passando.

O que o ser humano mais almeja é um momento feliz na sua triste existência. E o remédio proposto pelo *divertissement* ao homem é: fechar os olhos e esquecer que é infeliz, mesmo que seja por um só instante. Pascal quer alertar ao homem que não há saída para ele a menos que tome consciência de si mesmo, tenha atitudes responsáveis mediadas pelo uso da razão a fim de alcançar benefícios para si e para a sociedade em que está inserido. Assim, pensar na felicidade momentânea que advém do fruto do *divertissement* e não ponderar em suas consequências compromete tanto o agente quanto os que estão ligados diretamente a ele.

Toda a crítica de Pascal ao *divertissement* é um convite ao homem para voltar-se para si mesmo e encontrar o único caminho capaz de preencher e sanar todo seu vazio infinito, ou seja, Deus — o seu objeto infinito. Sendo assim, cabe ao homem compreender que todos os desconfortos da vida e a sensação profunda de vazio não encontrarão trégua, pois tudo isso é consequência inevitável do seu ser esvaziado da única potência geradora de todo bem e felicidade. O homem trilhará a senda da solidão como ser incapaz de modificar a sua própria estrutura e de escapar de sua alienação provocada pelo recorrente assédio do *divertissement*.

Portanto, mesmo sendo o homem um ser de amor infinito não conseguirá por suas próprias forças preencher o vazio deixado por Deus depois da queda, restando unicamente ao Cristo Mediador a restauração do elo rompido entre



Deus e o homem, mas para que isso aconteça o homem precisa libertar-se do seu amor-próprio e conciliar-se com Deus por meio do único caminho eficaz e pleno – o Cristo Mediador.

## REFERÊNCIAS

MARTINS, Andrei Venturini. **Do reino nefasto do amor-próprio**: a origem do mal em Blaise Pascal. 1. ed. São Paulo: Filocalia, 2017.

OITTICA, Cristine Reis. **Divertissement e ennui em Blaise Pascal**: uma manifestação da antropologia da queda. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 09. 2018.

PASCAL, Blaise. **Pensamentos**. Tradução: Mário Laranjeira. São Paulo: Folha de São Paulo, 2015.

\_\_\_\_\_. **Lettre a M. et Mme Perier, A Clemont**: A l'occasion de la mort de M. Pascal le Père, décédé a Paris le 24 septembre 1651. Paris, du 17 octobre 1651. In: \_\_\_\_\_ **Ceuvres complètes**. Edição de Louis Lafuma. Paris: Seuil, 1963, p. 275-279.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Conhecimento na Desgraça**: Ensaio de Epistemologia Pascaliana. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

\_\_\_\_\_. **O Homem Insuficiente**: Comentários de Antropologia Pascaliana. 1. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

